

FMS	CFM	GERM
BIBLIOTECA		
Jornal	Jornal do Brasil	
Data	11.12.90	
Caderno	1	Página 31
Seção		
Assunto	Meio Ambiente	
ECO-92		

Do mito à mata

Cândido Mendes *

O interesse pela Conferência da ONU sobre o meio ambiente no Rio, em 92, vem dando ao país outras primazias que a do campeonato da dívida externa. Vamos nela debater o problema da Amazônia, exemplo não só de maior conflito, hoje, entre o desenvolvimento e a ecologia, mas de resistência deste antagonismo, a sua desmistificação. Amazônia, Eldorado, Inferno Verde ou Hileia de todos os experimentos, a dominar o Armagedon dos confrontos ideológicos, no seio das Nações Unidas? A atual queda da febre ambientalista registrada nas eleições americanas, ou a mudança de tom da vaga dos Verdes na Europa, pressagia novos rumos na guerra dos estereótipos e na cruzada de frases feitas, que deverão levar à Babel de todos os desencontros na Conferência do Rio. Sucodem-se, neste fim de ano, diversos seminários, a vencer a verdadeira poluição temática que prospera neste debate selvagem. O clamor contra a depredação da Hileia substituiu-se, na frente internacional preservacionista, à luta pela vida das baleias, ou à superação dos traumas de Chernobyl, finalmente desarmados pela desapareção da "guerra fria". O recente encontro de Belém, do Conselho de Ciências Sociais da Unesco e das universidades da região — Unamaz — fez um balanço do estado atual das artes, dos equívocos, do choque de perspectivas, e, sobretudo, dos níveis de desinformação sobre a Amazônia de cada um. Reunindo os melhores especialistas nacionais e da comunidade acadêmica lá fora, verificou-se quão rico pode ser o chão de dados sobre a floresta. Mas também o quanto permanece uma subjetividade selvagem, no encerrar e vencer-se o arquipélago de seus inumeráveis imaginários. Juntaram-se aos cientistas os protagonistas da área, os atores de última "bandeira", como diz Ivo Lubrina, presidente do Sindicato dos Garimpeiros, na perspectiva de cada exploração desimpedida, acreditando ainda no Éden inexaurível. Ao reconhecimento da fragilidade ecológica da Amazônia soma-se, também, a ilusão da iminência do apocalipse, que

penderá sobre a região. Na esteira da utopia dos 80, provada pela passeata dos nossos caciques de exportação, incorporados ao rock ecológico, criou-se um discurso, hoje, sonâmbulo, sobre o Inferno Verde, arraigado ao inconsciente coletivo deste fim de século e às vanguardas de generosidade, à busca de um "que fazer" para a sociedade pós-industrial. Não nos damos conta, por inteiro, da batalha de mundos interiores, e do quebrar de sabres ideológicos a que servirá de cenário o Rio de 92. Continuamos, no plano das representações da realidade, expostos aos exorcismos de uma culpa predatória do Primeiro Mundo, forrados da pregação de uma nova ética internacional. E o que nos cumpre, como nos diz, na sua voz forte, Armando Mendes — pelas veredas da desdramatização e da ciência — é resgatar a mata ao mito.

Por enquanto, a exploração amazônica ainda continua como último rincão dos nossos donatários da economia, aberto a cada idéia e cada ambição, em que o ciclo dos grandes capitais se incorporou, em mapa apenas esfumado, ao espaço econômico do país. O experimento da grande e moderna mineração e a pecuária abriram os seus lanhos na floresta, de par com toda a logística rodoviária e a política de presença nas fronteiras da imensidão. No fecho clássico de todas as corridas para o oeste, no melhor realismo do imaginário, desenha-se a dispersão do garimpo, dotado de inédita auto-organização sindical, consciente dos seus problemas e do que seja a poluição trazida pelo despejo do mercúrio nos rios gigantes. É o cenário da lucidez desse desencontro que leva os protagonistas da empreitada amazônica a confrontar, em *scripts* diversos, o que seja a durabilidade das reservas naturais e o solo que têm debaixo dos pés. Surgem destes debates verdades que começam a ganhar consenso, como a absurda utilização do combustível vegetal para nos dar o gusa pobre, ou a extensão alcançada pelas clareiras do gado, comprometida irrevogavelmente a trama sutilíssima dos microclimas amazônicos e sua precipitação. Onde está a chuva diária de Belém? Continuamos a manter posições dispares quanto ao ciclo da renovação do mogno

e demais madeiras nobres ameaçadas por mais de 4.000 motosserras, à volta de Paragominas. Mas a política de renovação da floresta abre-se a custo, no seu ciclo de resistência, adubado pela recarga das visões míticas. Clara Pandolfo, pela Sudam, pode nos mostrar como o maior deles é o de se ver toda a extensão, coberta e recoberta pela fronde cósmica quando, na verdade, em quase 30%, a Amazônia se faz de cerrados e comporta toda uma outra diagnose de ocupação e seus cuidados, que a da guerra ecológica montada nesta virada de século. Estamos claramente em movimento de desmobilização da sociedade civil diante da profissionalização das vanguardas ecológicas e do tempo de muda em que se encontra a severidade da sua reflexão. A toma da consciência nacional à morte de Chico Mendes viu-se prejudicada pelo pastêlo de horror da negociação do filme, por sobre a verdade da saga e a autenticidade do movimento seringueiro no Acre. Não se depredou, de qualquer forma, ainda, a força do conceito da "reserva extrativista" e do que possa representar ainda como fronteira da convivência mais do que simples habitat dos protagonistas da Amazônia.

Exponho-nos a que se abata sobre a Hileia a colonização de seu imaginário, no enredo pedido pela boa consciência internacional. Enfrentamos uma generosidade difusa do Primeiro Mundo, à busca de uma causa; pode ser a da denúncia amazônica recaída na mitologia e nas investidas sem quartel, se não lhe opomos o chão firme de dados, levantados num primeiro e difícil consenso, enxugado aos meandros de cada aventura amazônica. Isto, antes de voltarmos à vaza do discurso impune, ou de uma obscura vindicação histórica, muito à moda do catastrofismo, das pragas e dos cometas aziagos da passagem do milênio. A ecologia pode se perder no seu fetiche, em meio a se transformar na idéia-força do humanismo do nosso tempo.

* Secretário-geral da Comissão Brasileira Justiça e Paz, presidente do Conselho Internacional de Ciências Sociais (Unesco), membro da Academia Brasileira de Letras